

# Transferibilidade do conhecimento em Enfermagem de Família

*[Knowledge transferability in Family Nursing]*



**Escola Superior de Enfermagem do Porto**

**UNIESEP • UCP Enfermagem & Profissão • Núcleo de investigação de Enfermagem de Família**

## Ficha técnica

**Título** • Transferibilidade do conhecimento em Enfermagem de Família [*Knowledge transferability in Family Nursing*]

Escola Superior de Enfermagem do Porto - UNIESEP | Núcleo de Investigação em Enfermagem de Família

**Coordenação de edição** • José Carlos Carvalho • Maria do Céu Barbieri-Figueiredo • Henriqueta Ilda Fernandes • Ana Isabel Vilar • Luísa Andrade • Margarida Reis Santos • Maria Henriqueta Figueiredo • Maria Júlia Martinho • Maria Manuela Martins • Palmira Oliveira

**ISBN** • 978-989-96103-6-1

**Propriedade e edição** • Escola Superior de Enfermagem do Porto

Rua Dr. António Bernardino de Almeida • 4200-072 Porto

Reprodução da capa (óleo sobre tela): Ana Beatriz Carvalho - 10 anos

Design e paginação: ESEP-GDIAP

### Referenciação •

**APA Style** • Sobrenome, Nome abreviado. (2012). Título do capítulo. In Carvalho, J.C. et al. (Eds.). *Transferibilidade do Conhecimento em Enfermagem de Família*. (pp.). Porto: ESEP.

**ISO 690** • SOBRENOME, Nome abreviado. - Título do capítulo. In CARVALHO, J.C. et al. (Eds.) - *Transferibilidade do Conhecimento em Enfermagem de Família*. Porto: ESEP, 2012. ISBN 978-989-96103-6-1. p. [n]-[n].

**Os artigos publicados neste e-book são propriedade da ESEP.**

**A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos é única e exclusiva dos seus autores.**



“Transferibilidade do conhecimento em Enfermagem de Família” by Escola Superior de Enfermagem do Porto is licensed under a Creative Commons - Atribuição-Uso Não-Comercial-Proibição de realização de Obras Derivadas 3.0 Unported License.

A obra *Transferibilidade do conhecimento em Enfermagem de Família*, obra publicada por Escola Superior de Enfermagem do Porto, foi composta nas famílias tipográficas *Minion Pro* (propriedade da Adobe Systems), desenhada por Robert Slimbach em 1990, e *Myriad Pro* (OpenType), desenhada por Christopher Slye e Fred Brady em 2000, tendo por base a fonte *Myriad* de autoria de Robert Slimbach e Carol Twombly.

**Maio • 2012**

## Reaprender a “Ser” em Família: uma resposta adaptativa a experiências transicionais vivenciadas na meia-idade

Hélena Loureiro<sup>1</sup>, António Fonseca<sup>2</sup>, Manuel Veríssimo<sup>3</sup>

### Resumo

O subsistema conjugal lidera a sistémica familiar na meia-idade, fase desenvolvimental em que ocorrem vivências transicionais que poderão interferir no equilíbrio do estado de saúde dos seus protagonistas (Meleis, 2010). A “passagem à reforma” constitui uma das mencionadas vivências cuja adaptação poderá ser mais ou menos bem-sucedida, em função da relação conjugal estabelecida. Compreender as vivências dos indivíduos e famílias no período de “passagem à reforma” foi o objectivo geral do presente estudo que assumiu um carácter qualitativo, baseado num referencial teórico de interaccionismo simbólico. Nele participaram 14 famílias, de indivíduos que perceberam alterações e/ou dificuldades na vivência da “passagem à reforma”, tendo a colheita de dados sido efectuada por meio de entrevista semiestruturada. A informação obtida foi analisada com recurso ao programa NVivo8. Os critérios de validade interna e externa estiveram presentes em todas as fases do estudo, assim como foram preservados todos pressupostos éticos e formais inerentes ao seu desenvolvimento. As evidências empíricas reiteraram o facto de o cônjuge constituir a principal fonte de apoio para o protagonista da vivência da “passagem à reforma” (Loureiro, Fonseca e Veríssimo, 2009). Contudo, e segundo os significados emergentes, a qualidade da relação tornou-se determinante para a forma como esta transição foi vivenciada. Ainda segundo os dados, a adaptação a esta transição passou por um processo de reaprendizagem em “ser” em família que se coadunou com a negociação da interdependência relacional, com a gestão do conflito relacional e com a reorganização dos papéis e das funções familiares (Loureiro, 2011). Em função destas evidências os enfermeiros deverão intervir precocemente, no sentido de promover o desenvolvimento da interdependência conjugal, de advogar a gestão do conflito conjugal, de coadjuvar o desempenho de novos papéis e funções familiares e de fomentar a sustentação de uma conjugalidade saudável.

**Palavras-chave:** Conjugalidade; Transição; Meia-Idade; Enfermagem

### Abstract

Marital subsystem leads family systemic in middle age, developmental stage in which occur transitional experiences that may interfere with the equilibrium of health status of their protagonists (Meleis, 2010). Retirement is one of these events, where adaptation may be more or less successful depending on marital relationship established. Understanding the experiences of individuals and families during this period was the main objective of this study which assumed a qualitative character, based on symbolic interactionism. Fourteen families took part of this study. Data collection was done through structured interview, recorded in video and examined using NVivo 8 program. Internal and external validity criteria have been present at all stages of the study and all assumptions

<sup>1</sup> Escola Superior Enfermagem de Coimbra. Professora Adjunta (hloureiro@esenfc.pt).

<sup>2</sup> Universidade Católica Portuguesa do Porto. Professor Associado.

<sup>3</sup> Faculdade de Medicina de Coimbra. Professor Auxiliar com Agregação.

inherent in the ethical and formal development were preserved. Empirical evidences reiterated that the spouse is the primary source of support to the protagonists of the retirement (Loureiro, Fonseca, Veríssimo; 2009). However, according emergent assumptions, the quality of this relationship can become crucial for how this transition can be experienced. Also according to the data, the adaptation of this transition necessarily involves a relearning process of how “to be” in family that is in line with the negotiation interdependence of relationships, with relationships and conflict management with the reorganization of roles and family roles (Loureiro, 2011). In light of this evidence nurses should intervene early, in order to promote the development of marital interdependence, to advocate the management of marital conflict, to assist the performance of new roles and functions of family support and foster a healthy conjugal.

**Keywords:** Conjuality; Transition; Middle Age; Nursing.

## Introdução

A vivência da meia-idade constitui um desafio para todos os seus protagonistas, dado se tratar de um período do desenvolvimento humano em que as mudanças adaptativas proliferam. Quando Lachman (2001: 11) profere “The period of midlife brings the consideration of the past and future into balance; the individual tries to use what has been learned in the past to promote future goal achievement and fulfilment”, o autor reitera a referida característica e alerta para a influência que o percurso experiencial dos indivíduos poderá exercer naquela que é a continuidade dos seus projetos de vida. Leva-nos, igualmente, a perceber que as aprendizagens decorrentes de determinadas experiências de vida deverão ser entendidas como oportunidades de desenvolvimento, independentemente do carácter positivo ou negativo que envolvam (ibidem).

Os acontecimentos de índole transicional, pela mudança adaptativa que ocasionam, constituem oportunidades da referida natureza (Meleis, 2010) que, se não devidamente acompanhadas, poderão despoletar situações de desequilíbrio de saúde nos seus intervenientes. A “passagem à reforma” é uma dessas transições que se caracteriza por ser um “...acontecimento de vida que implica a ocorrência de fenómenos de transição-adaptação, que se reflectem em termos desenvolvimentais” (Fonseca, 2004: 361) e que, independente de ser desejado ou não, se traduz em ambivalentes percepções de ganho (eg. mais tempo, menos stresse) e de perda (eg. menor poder económico, perda de status, isolamento social) (Loureiro, 2011).

Na sistémica familiar destes indivíduos, muito provavelmente, também esse efeito se fará exercer. Contudo, a escassez de evidências empíricas resultantes de investigação realizada neste âmbito não nos permite conhecer os efeitos que esta transição origina na saúde familiar e mais especificamente naquela que se reporta à do seu subsistema conjugal.

## Metodologia

Tratou-se de um estudo qualitativo, baseado num referencial de interaccionismo simbólico e de análise narrativa que teve por objectivo geral: Conhecer o significado que a família atribui à vivência transicional desencadeada pela “passagem à reforma”. Participaram neste estudo 14 famílias, nucleares, em que pelo menos um dos seus elementos tivesse protagonizado a vivência de passagem à reforma, há menos de cinco anos. Foram excluídos de participação todos os elementos, seus constituintes, que apresentassem uma idade inferior a 18 anos, que não

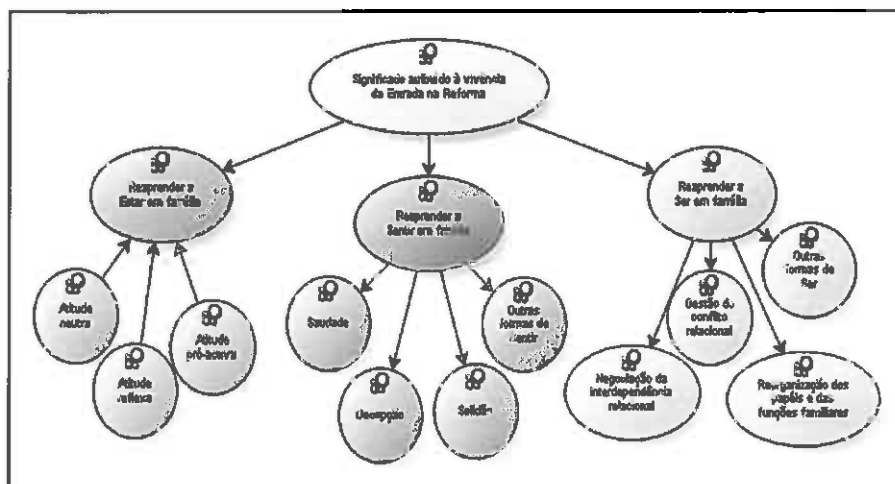
apresentassem faculdades psíquicas para integrar o estudo (ex. demência, doença de alzheimer) e/ou que apresentassem um índice de APGAR inferior a 4. Maioritariamente, eram constituídas pelo subsistema conjugal que se encontrava numa fase do ciclo vital de “ninho vazio” (Alarcão, 2006), nenhuma era reconstruída, diversas formas de relacionamento foram identificadas entre os seus elementos e o índice de APGAR familiar, por estes percebido, situou-se entre os valores de 4 e 9 (num valor de índice médio=6). No intuito de compreender a forma como o subsistema conjugal vivenciou, atribuiu significado e se organizou em função da adaptação à transição em estudo, recorreu-se ao uso de um guião de entrevista semi-estruturada para colheita de dados. A obtenção do consentimento informado de todos os elementos participantes antecedeu o referido processo, que se desenvolveu em dois momentos distintos. Num primeiro, que teve início com a caracterização sistémica [efectuada com base no Modelo de Avaliação Familiar de Calgary (Wright e Leahey, 2005)], realizou-se a entrevista conjunta com todos os elementos que tivessem coabitado com o indivíduo na referida transição (procedimento esse que foi gravado em sistema audiovisual, mediante autorização de todos os participantes). Num segundo momento, após transcrição e análise flutuante efectuada às narrativas, foi lido e validado o teor das mesmas junto dos seus emissores. Após este procedimento, os documentos alvo de análise foram duplicados e submetidos à perícia interpretativa de dois investigadores, em separado (um em processo manual e outro em processo informatizado, com recurso ao programa Nvivo8).

## Análise dos resultados

Ainda que expressos de uma forma por vezes oculta, os significados alusivos a processos de mudança e de adaptação constituíram tónicas nos discursos narrativos, emitidos pelas famílias entrevistadas. Esta situação não constituiu surpresa, uma vez que o referido acontecimento transicional terá exposto os seus participantes a novos contextos de interacção sistémica, e decorrentes destes terão emergido tais significados.

O mesmo já não foi possível referir relativamente à sua tipologia, uma vez que a análise dos mesmos, em contexto de narrativa, permitiu verificar que na sua grande maioria se reportavam a emissões que se faziam acompanhar por uma evidenciada característica de reaprendizagem. Assim, ainda que para muitos dos entrevistados essa percepção não tivesse constituído uma completa novidade, a verdade é que os terá sujeitado as novas formas de “Estar”, de “Sentir” e de “Ser” em família (Figura 1).

Figura 1 - Subtemas relativos ao significado atribuído à vivência da “passagem à reforma”



Essa reaprendizagem terá estado relacionada com o facto de estas famílias terem sido chamadas a desenvolver novas e diferentes competências, que lhes permitisse dar uma resposta mais ajustada à mudança que o referido acontecimento de vida lhes teria suscitado. E, nesse sentido, as diferentes tarefas instrumentais e expressivas que passaram a realizar, as reno-

vãdas funções e papéis que passaram a desempenhar e outras mudanças comportamentais que no decorrer das epifãniãs foram sendo revelãdas, fizeram notar que as referidas reaprendizagens terão sido as mais diversas e quase sempre manifestaram o desenvolvimento de novas dinãmicas relacionais.

Foi no sub-sistema conjugal que as referidas reaprendizagens se fizeram notar com maior evidência e tal terã sucedido, não apenas, porque nesta fase do ciclo vital é este sub-sistema liderã a sistêmica familiar, mas também porque 71,5% os indivíduos que se aposentam indicam o cõnjuge como a sua principal fonte de apoio, para fazer face às alterações e/ou dificuldades que percebem no referido períoðo de transiçãõ (Loureiro, Fonseca, Veríssimo, 2009). Todavia, e entre as vãrias identificãdas, as que mais se evidenciãram nas suas narrãtivas foram a “negociaçãõ da interdependência relacional”, a “gestãõ do conflito relacional” e a “reorganizaçãõ dos papéis e das funções familiares”.

Relativamente à primeira, ainda que essa não se tenha colocado da mesma forma nas vãrias famílias estudãdas (isto porque, antes do referido acontecimento, o grau de independência que os seus elementos estabeleciam seria distinto, entre as ditas famílias), os significãdos emergentes derã conta que essa terã sido uma das principais reaprendizagens de “Ser” em família que ambos os elementos do casal tiveram de realizar. Contudo, nem a forma como essa reaprendizagem se realizou, nem o efeito que da mesma resultou, se traduziram de idêntica forma nos subsistemas conjugais estudãdos. Em alguns, a negociaçãõ efectuada entre os seus elementos, ainda que difícil, terã resultado uma conjuntura de concórdia relativamente à relaçãõ de interdependência conjugal que passou a estabelecer (eg. Família 1).

#### Família 1

“No iníciõ, o voltar para casa não foi muito fácil...[...] nem tudo foi um “mar de rosas” [...] depois de falãrmos, estabelecemos um plano: em determinados dias da semana, cada um de nós terã um tempo para as suas prõprias actividades. Nos outros dias, passarãmos a desenvolver actividades conjuntas [...]” (Mulher 1).

Uma idêntica perspectiva foi evidenciãda pelos significãdos encontrados na narrativa do cõnjuge. Quando este proferiu “[...] torna-se imprescindível que cada um mantenha o seu espaço e, em conjunto, torna-se também importante que o casal encontre o seu espaço comum! ☺” (Marido 1), a atribuiçãõ simbólica que este efectuou à noçãõ de “espaço” fez analogamente notar que uma renovãda forma de “Ser” em família passou a ser adoptãda por este subsistema conjugal.

Noutros subsistemas o quadro de reaprendizagem de interdependência conjugal foi diferente uma vez que, ainda que tivesse havido uma clara tentativa de estabelecimento de um acordo, a mesma se revelou discordante (eg. Família 13)

#### Família 13

“[...] Que saudades que eu tenho daquele tempo! [...] sabe, não tenho paciência para estar em casa! Em casa não se aprende nada! [...] O meu marido sempre foi mais caseiro e pensava que eu ia ficar casa a coser meias e a fazer croché, em frente à lãreira! Essa nunca foi a minha postura perante a vida! [...] Vãrias vezes lhe tenho dito que deve sair ir ter com os seus amigos... Enfim, viver a vida! Mas ele só se sabe lamentar, está sempre a queixar-se... [...]” (Mulher 13)

“[...] eu pensava que a minha mulher ia acalmar depois da reforma mas, ... parece que ainda ficou pior! Ninguém a aguenta, está sempre a arranjar motivos para sair e pouca companhia me faz...[...] No iníciõ, ainda tentei acompanhã-la, mas não tenho saúde para o fazer! Ela não entende que eu não posso andar por aí como um doido e não se convence que o dever dela é acompanhãr-me [...]” (Marido 13)

Um outro conjunto de significãdos, revelãdo nas narrãtivas dos subsistemas conjugais estudãdos, foi aquele que

se fez identificar com a *gestão do conflito relacional*. Dada a fase do ciclo vital em que a maioria dos referidos se encontrava (ninho-vazio) e atendendo às características de desenvolvimento de que eram detentores os seus elementos (meia-idade), este achado não se traduziu numa completa novidade, uma vez que se reconhece que esta é uma fase propiciadora para a ocorrência de alguma conturbação conjugal (Alarcão, 2006; Relvas, 2000). Ainda assim, os significados que apresentaram tornaram evidente o facto deste acontecimento de vida ter exercido uma influência determinante na comunalidade que passaram a experimentar (eg. Família 2 e 5).

### Família 2

*“...só quando voltei para casa é que me apercebi da realidade das coisas... [...] a minha mulher nunca mais me deu sossego! [...] Apesar do meu vencimento não ter sido muito afectado, o que verifico é que agora existe mais tempo disponível para gastar dinheiro e ... os nossos gastos também acabam por ser maiores [...] está sempre a queixar-se que não vamos a lado nenhum ... e não estamos em época para fazer grandes passeios!!!...”* (Marido 2)

*“[...] nunca mais tive sossego... desde que o meu marido se reformou! [...] estava sempre a reparar naquilo que fazia... Se, às 11 horas, não estivesse a preparar o almoço, já me estava a chamar à atenção ... e embirrava com muitas das coisas que eu fazia [...]”* (Mulher 2)

### Família 5

As narrativas da família 5 deram conta que a situação de conflito conjugal já era frequente, antes da passagem à reforma, por relação extra conjugal. Todavia, a referida vivência terá agravado tal conflituosidade.

*“[...] Ainda cheguei a pensar que com a idade ele viesse a acalmar mas, está-lhe no sangue!!! [...] já nem me importo muito!!! ☹ [...] às vezes não me contenho e ... discutimos com alguma frequência!! ☹”* (Mulher 5)

*“[...] mas, há alturas em que tenho de arranjar motivos para sair de casa. ... «e, lá vou eu caçar para o Alentejo, até as coisas se acalmarem!!!»>>☺ [...] e também, ... vou mudar para quê? Pelo menos, enquanto tiver a minha filha a meu cargo, vou-me deixando estar [...]”* (Marido 5)

Uma outra reaprendizagem que o subsistema conjugal efectuou no “Ser” em família foi a que esteve relacionada com a *reorganização dos papéis e funções conjugais*. As narrativas conseguidas assim o fizeram notar e ainda que essa se tivesse feito sentir em diversas áreas do referido processo de desenvolvimento familiar, a reaprendizagem que mais se destacou foi aquela que se relacionou com o papel e a função de “Cuidador”, que os elementos deste subsistema passaram a deter (eg. Família 7).

### Família 7

*“[...] Tive de reaprender a viver: não é que já não o soubesse fazer ☺ mas..., tive de encontrar novas formas de ocupar a minha vida. Nesse campo, a minha neta constituiu uma importante ajuda... passei a ter como profissão: “Ser avó”! ☺ [...] o meu horário de trabalho é o que ela me estipular... são as horas de ir busca-la à escola, as horas da sua piscina, do seu ballet... é em função destes horários que me movo [...] «Não imagina a satisfação que essa minha nova actividade me dá!» ☺”* (Marido 7)

*“[...] passamos a ter uma maior proximidade com a minha neta [...] e ainda bem, porque sempre ajuda a desanuviar um pouco o ambiente [...] a minha mãe passou a intrometer-se menos na nossa relação [...]”* (Mulher 7)

## Discussão dos resultados

Reaprender a “Ser” em família constitui um dos principais desafios para o sistema conjugal, na vivência da passagem à reforma. A negociação da interdependência terá exposto os seus protagonistas a momentos de reajustamento relacional dotados de algum grau de conflituosidade. Dependendo do momento em que os cônjuges se aposentam (isto é se, num mesmo momento ou em momentos diferentes) e da forma (se desejada e/ou se planeada), poderá então traduzir-se numa maior ou menor sensação de interdependência conjugal. Assim, se ambos se aposentarem em simultâneo, terão que aprender a estar mais tempo juntos, sem que essa maior permanência venha a afectar a autonomia de ambos. Mas idêntico esforço adaptativo sucede se um deles obtém este estatuto mais cedo e, perante um sentimento de solidão ou de falta de ocupação, reclama o espaço de autonomia do seu companheiro.

No que diz respeito à gestão do conflito relacional, as narrativas analisadas evidenciaram uma vez mais o facto dos subsistemas conjugais passarem, na meia-idade, por uma fase de desenvolvimento dotada de uma frequente ocorrência de distúrbios (Hanson, 2005). A desilusão relativa a uma expectativa de mudança de vida (eg. nos homens, ter mais tempo para conviver com os amigos ou sentirem mais a companhia das esposas; nas mulheres, obter uma maior ajuda nos trabalhos domésticos ou viajar mais com os maridos), a maior interferência e/ou controlo do tempo e dos relacionamentos extra sistémicos, as maiores exigências em termos de solicitação de funções e tarefas (eg. quando o marido fica em casa para “mandar”) e muitos outros, são agora novidades adaptativas que os casais têm de gerir. Mas, alguns destes sentimentos e/ou manifestações que conduziram à ocorrência de conflito, não foram unicamente trazidos pela “entrada na reforma”. Pela análise dos contextos narrativos foi possível verificar que muitos dos problemas conjugais, que passaram a ser evidenciados após esta transição, não terão sido uma consequência directa desta vivência transicional, em si mesma, mas do momento de oportunidade que o mesmo propiciou (dado serem problemas já anteriormente existentes e cristalizados no relacionamento conjugal).

Quanto à reorganização das funções e papéis conjugais, os significados foram peremptórios quando evidenciaram uma vasta mudança adaptativa neste âmbito. Com efeito, tratando-se de um acontecimento que origina uma diferente dinâmica de vida e que “não deixa de implicar e de exigir o desempenho de novos papéis e a respectiva integração numa dada personalidade” (Fonseca, 2004: 504), percebe-se a razão de tal manifestação. Entre as várias reaprendizagens que estes subsistemas manifestaram ter passado a realizar neste período, a que mais se evidenciou foi a que esteve relacionada com o papel e a função de “Cuidador”. Neste contexto foi interessante verificar que ainda que este papel e funções, a si adstritas, estivessem estado habitualmente mais reservadas ao género feminino, a partir desta transição, também alguns elementos do género masculino passaram a deter uma intervenção mais efectiva neste âmbito.

## Conclusões

As evidências empíricas revelaram que a adaptação à reforma não é uma vivência exclusiva dos indivíduos que a protagonizam. A família e mais especificamente o sub-sistema conjugal é também alvo dessa experiência, que se expressa por uma reaprendizagem em “ser” família.

Os enfermeiros devem estar atentos a esta fase do desenvolvimento familiar e implementar estratégias que promovam a resiliência conjugal, promovendo o desenvolvimento da interdependência conjugal, advogando a gestão do conflito conjugal, coadjuvando o desempenho de novos papéis e funções familiares e fomentando a sustentação de uma conjugalidade saudável (Loureiro, 2011).

## Referências bibliográficas

- ALARCÃO, M. - *(Des)Equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. 3ª ed. Coimbra, Quarteto editora, 2006.
- FONSECA, A. - *Uma abordagem psicológica da "passagem à reforma"*. Porto: ICBAS, 2004. Tese de Doutoramento.
- FONSECA, A. - *Reforma e Reformados*. Coimbra: Almedina, 2011.
- LOUREIRO, H. M.; FONSECA, A. M.; VERISSÍMO, M.T. - *Entrada na reforma: que interferências no estado de saúde? Revista Referência*. II Série. n.º10(2009) Livro de actas.
- LOUREIRO, H. - *Cuidar na "entrada na reforma": uma intervenção conducente à promoção da saúde de indivíduos e de famílias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. Tese de Doutoramento.
- HANSON, S. - *Enfermagem de cuidados de saúde à família*. 2ª ed. Lisboa: Lusociência, 2005. MELEIS, A. - *Transitions theory: middle range and situation specific theories in research and practice*. New York: Springer Publishing Company, 2010.
- RELVAS, A. - *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2000.